
Anitta como Representação da Mulher Brasileira e suas Problemáticas no Twitter¹

MARQUES, Laura²;
MARTINS, Alexandra³;
FREITAS, Marina⁴;
DEPEXE, Sandra⁵

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O presente artigo tem como objetivos investigar as construções simbólicas presentes nas mensagens da *hashtag* #AnittaRepresentaAMulherBR que subiu aos *trending topics* do Twitter no dia internacional da mulher de 2016 devido, principalmente, a usuários expressando uma opinião contrária daquela afirmada na *hashtag*. Os *tweets* foram coletadas de acordo com os métodos, técnicas de monitoramento e a Análise de Redes Sociais (ARS), com base em Frago, Recuero e Amaral (2011). Procuramos analisar, portanto, os sentidos que a imagem de Anitta aciona para que seja alvo de revolta e rejeição por grande parte dos usuários que expressaram a sua opinião com a *hashtag*. Como resultado notamos que o sentido de ofensa contido nos *tweets* remete à associação da cantora com classe e sexualidade.

Palavras-chave: Anitta; Twitter; Representação.

Considerações Iniciais

Quem representa a mulher brasileira? A disputa é grande: celebridades, figuras importantes, pessoas históricas e personagens fictícias, desde Gisele Bündchen, a Maria da Penha, Dandara até Capitu. Porém chegar em um consenso é difícil, devido a enorme pluralidade dos tipos de mulher que encontramos no Brasil. Por isso, nunca podemos esperar que uma única mulher seja eleita para o posto. É interessante notar, porém, quando uma celebridade que, de muitas maneiras, possui uma história parecida com a

¹ Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação no XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Acadêmica do Acadêmica do 7º semestre de Comunicação Social - Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria. Email: lausimonmarques@gmail.com

³ Acadêmica do 7º semestre de Comunicação Social - Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria. Email: alexandramartinsvieiraa@gmail.com

⁴ Acadêmica do 7º semestre de Comunicação Social - Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria. Email: marinafreitas.js@gmail.com

⁵ Doutora em Comunicação. Docente do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Email: sandra.depexe@ufsm.br

de muitas mulheres do país, é veemente rechaçada como possível representante da mulher brasileira.

Anitta tem origens humildes, é filha da mistura da mãe paraibana e da família negra do pai, e sua trajetória para chegar ao sucesso poderia ressoar com muitas outras histórias de ascensão social. Porém a *hashtag* #AnittaRepresentaAMulherBR, que subiu aos *trending topics* do Twitter no dia internacional da mulher em 2016, parece discordar, já que a grande maioria das mensagens enviadas foram contra a afirmação feita pela *hashtag*.

Por meio da combinação de abordagens quantitativas e qualitativas, como sugere Flick (2009) e Orozco Gómez e González Reyes (2011), realizamos a coleta e análise de *tweets* marcados com a *hashtag* #AnittaRepresentaAMulherBR no dia 8 de Março de 2016, na rede social Twitter. Foram adotados os métodos e técnicas de monitoramento e a Análise de Redes Sociais (ARS), com base em Fragoso, Recuero e Amaral (2011), sendo que as mensagens (*tweets*), consideradas uma amostragem da *tag* analisada, foram coletadas por meio da extensão NCapture do NVivo. Essas, então compiladas em arquivos e exportadas para o Excel, o qual possibilitou a separação dos *tweets* e *retweets*, bem como a volumetria dos dados para posterior codificação.

Quadro 1: volumetria dos dados coletados

Hashtag	Tweets	Retweets	Retweets Exclusivos	Total de comentários coletados
#AnittaRepresentaAMulherBR	957	1600	288	2.845

Fonte: as autoras.

Qualitativamente, optamos por trabalhar, nesta pesquisa, apenas com os *retweets exclusivos*, sendo eles, então, divididos conforme as categorias de mensagens reconhecidas por meio da técnica de leitura flutuante: “Anitta me representa”; “Anitta não me representa”; “Outras mulheres me representam”; “Outros”. A partir disso, foram

selecionados apenas os *tweets* da categoria “Anitta não me representa”, que são subdivididos em “Questão de sexualidade” que incluem a subcategoria “Anitta não representa minha mãe”, e “Outros preconceitos” que implicam também a “Questão de classe”. As mensagens são examinadas por meio da análise de conteúdo, tendo como objetivo identificar as construções simbólicas dos indivíduos ao redor da figura de Anitta que os fazem rejeitar, e até mesmo repudiar qualquer tipo de associação com a cantora, e como essas refletem as ideologias hegemônicas do nosso tempo.

Como estratégia para dar visibilidade ao conteúdo dos *retweets* criamos uma nuvem com os termos mais frequentes no NVivo. Excluímos do resultado a *hashtag* #AnittaRepresentaAMulherBR para dar maior equidade às outras palavras. O “Não”, em posição de destaque, dá a tônica da repulsa à *tag*. Notamos outras palavras como “vergonha”, “absurdo”, “macho”, “bunda”, “esfrego” que remetem às reações negativas, bem como a “pitty” que indicia à qual cantora os *twitteiros* consideraram uma representante da mulher brasileira.

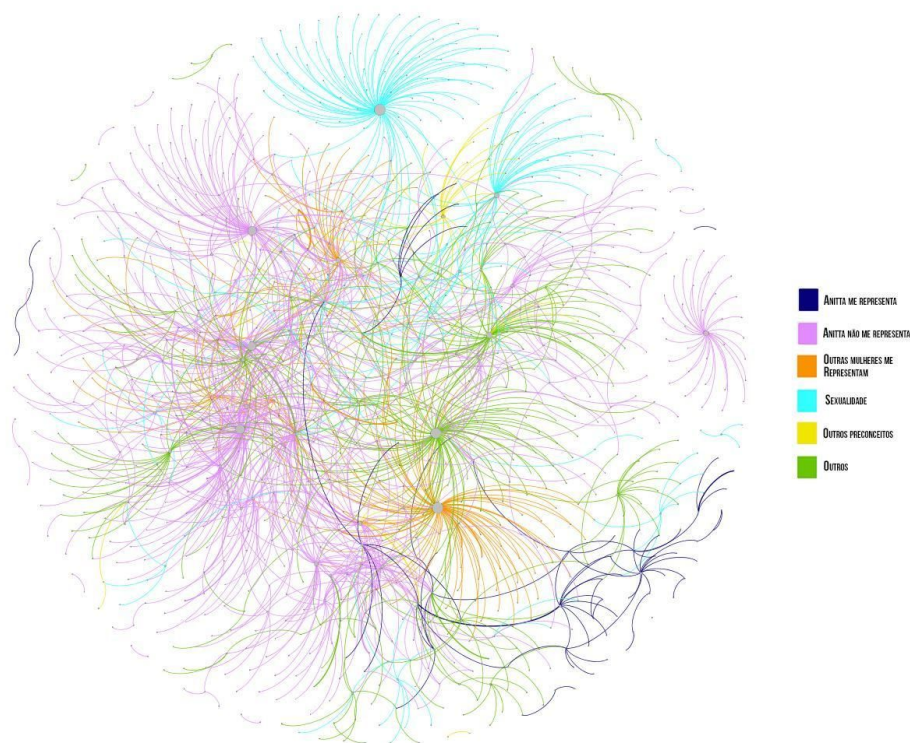
Figura 1: Nuvem de palavras mais frequentes nos *retweets*



Fonte: as autoras.

Como segunda estratégia para visualizar as relações e interações dos *twitteiros* nas categorias de análise, transpomos com o auxílio do Excel, as categorizações dos *retweets exclusivos* para todos os *retweets*. Após, utilizamos o Gephi para criar o grafo, qual deixa nítido a contestação da proposta original da #AnittaRepresentaAMulherBR.

Figura 2: Grafo dos *retweets* categorizados em #AnittaRepresentaAMulherBR



Fonte: as autoras.

A discussão em torno da #AnittaRepresentaAMulherBR deixa visível que a circulação das mensagens majoritariamente contesta a proposição da *hashtag*. Ao negar a representatividade de Anitta com a mulher brasileira, algumas mensagens sugerem outros nomes, em sua maioria de celebridades. A não identificação, em alguns *tweets*, é atrelada à sexualidade vista como negativa e vulgar, além de outros preconceitos, como classe social. Também há mensagens classificadas como “outros” como as que continham links atualmente inacessíveis ou que não faziam menção direta a Anitta, mas, por exemplo, ao fato da *hashtag* estar nos *trends topics*.

O objetivo desse artigo é investigar essas mensagens negativas enviadas pelos usuários em busca de respostas para a revolta contra a associação com a cantora, se tantas mulheres podem ser consideradas para representar a mulher brasileira, por que não a Anitta?

Anitta e o funk: classe e sexualidade

“Vocês pensavam que eu não ia rebolar minha bunda hoje, né?” diz Anitta na gravação de um de seus shows para DVD antes de performar sua música “Movimento da Sanfoninha”, ainda em 2014. A frase, que acabou virando bordão da cantora, serve para evidenciar como sua música está ligada a expressões de sexualidade, aspecto vital no estilo musical de origem de Anitta, o funk carioca.

Conhecido por sua desinibição em relação a assuntos sexuais, o funk, também por se tratar de um ritmo nascido nas favelas, pode gerar em parte da sociedade brasileira desconforto e até mesmo revolta⁶. Desde as coreografias, que, como explica Amorim (2009, p. 119), “envolve movimentos corporais de cunho sensual/erótico. A cena validada por meio da dança se inscreve no campo da sensualidade e do erotismo”, as letras das músicas e as apresentações visuais dos cantores e MCs, se ligam ao erótico, a expressão de algo que socialmente, só seria aceitável no âmbito privado - e por vezes, nem ali -, e não no público.

A avaliação de pontos da carreira de Anitta e suas relações com o funk e os preconceitos de classe servem como plano de fundo para compreendermos os comentários deixados na *hashtag* #AnittaRepresentaAMulherBR que negam associações com a cantora, pois a vinculam com vulgaridade. Nisso, nos parece evidente que a posição no espaço social (classe) implica para a expressão do corpo uma dada naturalização, “segundo o postulado da correspondência entre o ‘físico’ e o ‘moral’, nascido do conhecimento prático ou racionalizado que permite associar propriedades ‘psicológicas’ e ‘morais’ a traços corporais ou fisiognômicos” (BOURDIEU, 2011b, p.80). Essa naturalização, na realidade, condiz a uma representação social do próprio corpo, a qual não escapa dos esquemas de percepção e avaliação daquele que percebe e daquele que é percebido (BOURDIEU, 2011b). O traço corporal, como veremos adiante, da funkeira estaria associado às características

⁶ Como mostra a proposta de criminalizar o funk de 2017, que recebeu mais de 20.000 assinaturas no site do Senado em apenas quatro meses. Segundo o site de notícias G1, ao ser convidado para debater a proposta em uma audiência pública, o criador da proposta disse "É claro que vou a audiência. Tenho de colocar esses funkeiros no lugar deles.". A proposta foi negada pelo CDH. Disponível em: <https://g1.globo.com/musica/noticia/projeto-de-lei-de-criminalizacao-do-funk-repete-historia-do-samba-da-capoeira-e-do-rap.ghtml>

comportamentais e morais socialmente representadas como constituintes das mulheres brasileiras de classes populares, incluindo o corpo curvilíneo e o mito de uma sensualidade natural, que se expande a uma dada forma de se vestir e de experienciar sua sexualidade. Os comentários abaixo ilustram tais associações, no qual mantemos a grafia original dos *tweets* e deixamos a identificação de autoria anônima por entendermos que faz parte da ética da pesquisa online, em ambientes em que as mensagens são coletadas por software, sem interação com as pesquisadoras.

#AnittaRepresentaAMulherBR se toda mulher brasileira for vulgar representa mesmo

#AnittaRepresentaAMulherBR só se representar vcs ne?? Pq eu mesma não esfrego bunda em macho por ai

Depois a brasileira é vista no exterior como prostituta e não se sabe porque.
#AnittaRepresentaAMulherBR

Então mulheres BR são um simples corpo mesmo, sem conteúdo
#AnittaRepresentaAMulherBR

Quando for criarem essas coisas assim,não generalizem,porque muita gente por aqui ainda tem dignidade. #AnittaRepresentaAMulherBR

#AnittaRepresentaAMulherBR chamou as mulheres de puta nossa

#AnittaRepresentaAMulherBR KKKKKK Nunca irá representar, as mulheres do Brasil. ainda mais com essa síndrome de dar

#AnittaRepresentaAMulherBR Me senti desrespeitada com essa tag, pq eu não saio rebolando e mostrando meu corpo pra ganhar money

#AnittaRepresentaAMulherBR Sério!?!? Que tipo de mulher? A mulher vadia e arrogante? Então desculpem-me, não me representa.

O cú de quem inventou essa tag,sai fora desde quando todas as brasileira ficam rebolando a bunda pra ter sucesso? #AnittaRepresentaAMulherBR

Precisamos lembrar o contexto da figura feminina no funk, que faz parte da identidade de Anitta até hoje. O funk ganhou notoriedade na cena musical brasileira principalmente a partir do início dos anos 2000, quando a temática sexual passa a ser levantada em grande parte das músicas do gênero. Antes uma cena predominantemente masculina, é também a partir desse período que as primeiras cantoras femininas começam a surgir e a ganhar notoriedade, a primeira delas sendo Tati Quebra-Barraco,

que mudou o cenário do funk ao subverter os discursos masculinos e machistas – na época predominantes - com suas letras, falando sobre sexo abertamente, mas negando o papel da mulher subalterna que não está em controle de sua sexualidade.

Embora Tati Quebra-Barraco não siga o padrão visual do imaginário coletivo quando pensamos em “funkeiras”, os temas e o seu tipo de abordagem em relação ao sexo em suas músicas viraram sim um padrão dentro da cultura do funk. Como explica Amorim (2009) em sua tese:

No espaço discursivo do funk, a mulher apresenta um tom e uma corporalidade, inscritos no modo enunciativo, que lhe conferem um estatuto de fiadora de seu discurso. A representação que ela constrói de si mesma – representação essa proposta pelo próprio movimento, daí a ideia de estereotipagem – é a de um sujeito que rompe com os preceitos morais instituídos socialmente, que diz e age da forma que deseja. Ela afirma não se importar com o que falam e pensam a seu respeito e procura se mostrar para o outro (nesse caso, homens e mulheres que participam dos bailes, ou que ouvem as músicas, ou ainda, que assistem aos diversos vídeos que circulam no Youtube) como um ser legitimado para proferir determinados enunciados, executar determinadas ações, capaz de subverter preceitos instituídos socialmente. A funkeira acredita ser independente e extrovertida – ela também se considera “gostosa”, “popozuda” e “cachorra”, termos frequentemente associados à sua sexualidade. (AMORIM, 2009, p.89).

Letras sobre como as funkeiras irão provocar os homens com sua dança e seu corpo, como elas serão admiradas por eles, fazendo outras mulheres sentirem inveja, e como elas são livres para se relacionar com qualquer um, quando e onde quiserem, são muito populares e facilmente encontradas no repertório da maior parte das MC’s, expondo características de mulheres sexualmente livres que não sentem vergonha do seu corpo - e por conta disso, não se importam de expô-lo. Elas preferem ser as que gostam de dominar a dinâmica de sedução, estando no controle do seu parceiro, e não ao contrário. O papel da mulher tradicional que não deve procurar nem instigar parceiros sexuais, não interessa nem um pouco a essas mulheres.

Anitta vende sua imagem do mesmo modo: como sendo a de uma mulher sensual, ciente e dona da sua sexualidade, que provoca os homens e, de certa forma, os domina, como vemos em algumas de suas letras:

[...] Então vem, não sou de fazer muita pressão/ Mas não vou ficar na tua mão/ Se você quiser não pode vacilar/ Demorar/ E pra te dominar/ Virar tua cabeça/ Eu vou continuar/ Te provocando [...]

[...] Você ainda não entendeu/ Que sou eu quem está no controle/ Mas vamos lá/ Um passo de cada vez, que estou ficando com calor/ Sua calça vai roçando/ E eu já te tenho na minha/ Porque eu sou seu veneno/ Controlando seu corpo/ Você me dá o que eu quero/ Eu sou seu veneno/ Você está brincando com fogo/ Cuidado, que te queimo [...]

Porém percebemos que, desde as narrativas da Bíblia, até hoje nos clichês de filmes de terror, onde a personagem feminina que é sexualmente ativa e sedutora é uma das primeiras a morrer, enquanto a “virgem” geralmente se torna a única sobrevivente, mulheres que abraçam sua sexualidade nas sociedades patriarcais são punidas, renegadas e denegridas aos olhos da população em geral.

Até mesmo no funk, onde acontece uma valorização dessas mulheres, pelo menos dentro do contexto dos bailes, essa apreciação vai apenas até um limite. Como mostra Amorim (2009, p.124) quando recupera os comentários de usuários nos vídeos de funkeiras dançando, a mulher que corresponde ao padrão de beleza dessa comunidade, ou seja, que correspondem ao padrão de beleza da “mulata”, um corpo historicamente sexualizado (e que condiz também com o corpo de Anitta), e que ainda se mostra disponível sexualmente, “acabam por se tornar objeto de desejo sexual, mas não são levadas para outro lugar além da cama. Isso porque a beleza, a disponibilidade sexual e a sua atitude em relação ao sexo acaba por romper a possibilidade de controle dos seus corpos” (BOMFIM, 2013, p.8).

A discussão sobre o funk ser um ato de resistência que promove a libertação sexual das mulheres, as empoderando para serem mais confiantes sexualmente *versus* o funk ser algo que promove a objetificação sexual das mulheres ainda ocorre e não há um consenso, porém é interessante notar que:

Enquanto o funk estava “confinado” nos morros cariocas, o tratamento dado à mulher parecia incomodar apenas a poucos sujeitos, mas, a partir do momento em que ele passou a integrar as noites da Zona Sul de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, passou a chamar a atenção do poder público, de

⁷ Trecho de *Bang* (2015) por Anitta. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/anitta/bang/>

⁸ Trecho da tradução de *Veneno* (2018) por Anitta. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/anitta/veneno/traducao.html>

grupos de direitos humanos, grupos feministas, grupos religiosos, entre outros. É como se houvesse um choque entre duas culturas totalmente opostas e uma delas, nesse caso, a da zona sul, sofresse a influência negativa da outra (a cultura da favela). (AMORIM, 2009, p.96).

No momento que o funk se torna *mainstream*, ou seja, passa a afetar pessoas de classes altas que não fazem parte da favela, uma atenção maior passa a ser dada para o tipo de mensagem que essas músicas transmitem para o público.

Assim como no momento que Anitta é posta como sendo uma representação da mulher brasileira no geral, e não apenas como uma menina do funk e da favela – desde 2015 Anitta vinha lançando músicas cada vez menos ligadas ao funk, e sim ao pop, “sofisticando” o seu estilo pessoal e fazendo cirurgias plásticas, se tornando cada vez mais palatável para o público brasileiro de classe média e alta – uma atenção maior é dada para o tipo de imagem que ela transmite.

As classes sociais são grupos que se distinguem de outros pelo fator econômico, ou como propõe Bourdieu (2011a) pelos modos como a estrutura de classe e seus capitais (econômico, social, cultural e simbólico) são corporificadas em um habitus de classe. Dessa forma, as diferentes classes vão caracterizando mulheres, inserindo e delimitando o seu lugar, onde ela pode estar, o que pode fazer, como se portar. E diante disso, entendemos através da hashtag #AnittaRepresentaAMulherBR o quanto isso permanece relacionado à figura pública da cantora.

#AnittaRepresentaAMulherBR mentira! quem representa a mulher brasileira é aquela que levanta cedo e pega no batente o dia inteiro

#AnittaRepresentaAMulherBR quem me representa e a minha vizinha. q sai todo dia 3h pra ir trabalhar

#AnittaRepresentaAMulherBR NUNCA quem representa a mulher brasileira na que sai todo dia de 05:00 da manhã

#AnittaRepresentaAMulherBR Tanta mulher com classe, fina e de padrão aceitavel e o que escolhem? Anitta

O discurso de classe está consolidado e relacionado ao trabalho, visto que nas menções a dignidade está vinculada ao labor e ao sacrifício. Assim, Anitta não é tida como uma mulher digna, pois não acordou às 3h ou 5h da manhã para lutar pelo seu

futuro, por mais que se dedique à sua carreira, esta não é valorizada, uma vez que conseguiu sucesso por “rebolar a bunda”. Ou seja, para os *twitteiros*, ela ganhou dinheiro com seu corpo, mesmo que já tenha mostrado seu talento como cantora e empresária, seu sucesso ainda é indigno por conta do uso que faz da sua sexualidade. A pesquisa de Ronsini (2016), mostra que o estereótipo da mulher da classe popular mais comumente representado nas novelas é o da mulher “simples e batalhadora, da mãe dedicada e da mulher hipersensual (periguete). A mulher fatal da classe burguesa mantém sua elegância, ao contrário da hipersexualidade da mulher trabalhadora” (2016, p.57), seu trabalho mostra a identificação das mulheres da classe trabalhadora com a narrativa da mulher guerreira, mas sobre a representação da sexualidade dessas personagens, ela explica que “Elas podem rejeitar as representações negativas de gênero, associadas a sua posição de classe, criticando a vulgaridade feminina na vida cotidiana e nas personagens femininas da telenovela, ansiando pelo ideal de elegância e comedimento burguês” (2016, p. 52).

Ser chamada de “vulgar” é um adjetivo muito ligado com classe social e acompanha Anitta desde o início da carreira, a definição da palavra nos dicionários é “1. Relativo ou pertencente ao vulgo, à plebe, popular. 2. Que não se sobressai ou que não se destaca; banal comum corriqueiro. 3. Que se revela de qualidade inferior; baixo, grosseiro [...]”. Ou seja, o ser chamado de vulgar é ser ligada às classes baixas, e só por isso, se torna um xingamento. Uma mulher de classe alta é “sexy sem ser vulgar”, a vulgaridade, portanto, é a sexualidade das meninas da favela, com seus shortinhos apertados que vão os bailes funks rebolar, uma imagem de mulheres sexualmente disponíveis facilmente.

Anitta, visto isso, é uma representação midiática da mulher hipersexualizada da favela, embora com o tempo tenha “refinado” sua aparência e trejeitos para se tornar menos vulgar e mais sexy, seu comportamento ainda propaga uma imagem que muitas mulheres da classe popular não gostariam de estar associadas, pois consideram o estereótipo como nocivo.

Para além disso, embora tenha ganhado muito dinheiro, e seja uma das cantoras mais bem-sucedidas do Brasil, a cantora não pode pertencer a classe alta, pois como

podemos ver pela declaração no *tweet*, ela nunca será “fina” o suficiente para isso, por ser uma mulher que iniciou sua carreira no funk, sendo então, “vulgar” demais para a alta sociedade, revelando o preconceito de classe.

Considerações finais

Desde 2016, quando os dados desses *tweets* foram coletados, a carreira de Anitta despontou de uma maneira grandiosa, hoje ela é considerada uma das grandes artistas brasileiras e seu sucesso engloba toda a América Latina com seus vários *hits* em espanhol, além de suas músicas e parcerias em inglês que buscam conquistar um público ainda maior. Sua imagem continua intrinsecamente conectada com a sua sexualidade, seus cliques geralmente são focados em danças sensuais, seu corpo está exposto para admiração e suas letras tendem a abordar jogos de sedução. Sua imagem foi “refinada”, como comentado anteriormente, mas com o lançamento de *Vai Malandra* em 2017 Anitta mostrou que não está interessada em apagar o seu passado.

Mesmo assim, Anitta ainda tem o seu nome envolvido em muitas questões polêmicas e o seu nome subiu nos *Trending Topics* no Twitter mais de uma vez com *hashtags* tão controversas quanto a *#AnittaRepresentaAMulherBR*. Recentemente *#AnittaIsOverTheParty*, *hashtag* que exige o “cancelamento” da cantora por conta da exploração da comunidade LGBTQI+ nos seus produtos, ação conhecida como *pink money*. Pois, embora sempre enalteça a comunidade, um dos seus maiores apoiadores, a cantora peca no posicionamento político contra questões que ferem esse público, como aconteceu durante as eleições presidenciais e o seu silêncio sobre Jair Bolsonaro, acusado de homofobia e machismo. Depois de muita pressão, Anitta se manifestou contra. Porém, em Janeiro de 2019 Anitta defendeu o amigo Nego do Borel depois de comentários transfóbicos feitos em uma das redes sociais do cantor, o que trouxe indignação para o público LGBTQI+ mais uma vez⁹.

Assim, Anitta ainda causa revolta em partes da sociedade brasileira, enquanto alguns celebram a sua sensualidade e desinibição, outros consideram que Anitta esteja

⁹ fonte:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/01/21/nego-do-borel-e-vaiado-durante-s-how-de-anitta-apos-comentario-transfobico-e-cantora-diz-nao-vou-abandonar.ghtml>

ferindo a imagem do Brasil propagando o clichê da brasileira hipersexualizada para o seu público internacional. Enquanto uns celebram o seu clipe filmado no Vidigal mostrando a realidade da periferia, outros a criticam por se apropriar da cultura local e fazer uso da estética afro apenas quando lhe convém.

Embora seja uma figura polêmica, não há dúvida que Anitta representa e traz à tona questões importantes que devem ser abordadas e discutidas por todos. Seja por instigar uma reflexão sobre apropriação cultural ou por “rebolar a sua bunda” sem nenhum pudor, Anitta certamente está ajudando a fazer esses questionamentos a chegarem a um público mais amplo, e só por isso, já deveria ser reconhecida pelo seu impacto. Entretanto, compreendemos que para além da sexualidade, os sentidos implicados nas mensagens contra a cantora revelam preconceitos vinculados às mulheres de classes populares.

Referências bibliográficas

AMORIM, Márcia Fonseca. **O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise do universo sexual feminino**. 2009. 188f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BOMFIM, L. L. **Corpo e Poder no Funk Carioca**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373250586_ARQUIVO_corpoepodernofunkcariocafeminino.pdf - Acessado em janeiro de 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011a.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011b.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo.; GONZÁLEZ REYES, Rodrigo. **Una cortada metodológica: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiências**. México: Productora de Contenidos Culturales, 2011.

RONSINI, V. M. **Telenovelas e a questão da feminilidade de classe**. *Matrizes*, v.10. n° 2, maio/agosto, 2016, p. 45-60. São Paulo: USP.